

**Dos leitores***O Est. de S. Paulo***A Medalha de 32**

Sr.: Acabo de ler no jornal *O Estado de S. Paulo* de 2 de abril, que a Assembléia Legislativa aprovou esta semana projeto de resolução de autoria do deputado Goro Hama, do PMDB, instituindo a medalha acima, destinada a condecorar todos os que tomaram parte, tanto na linha de frente como na retaguarda, no movimento de 9 de julho de 1932 sob a justificativa de que "nunca será demais lembrar que esta Assembléia Legislativa se encontra aberta graças ao sangue derramado por milhares de ex-combatentes", etc.

Sem desmerecer o gesto do deputado — que nada mais é que uma obrigação antes de ser uma homenagem —, gostaria de lembrar-lhe se não seria mais interessante um abaixo-assinado de todos os deputados, independentemente de partido, no sentido de pedir ao governador Paulo Maluf que assinasse a Pensão Vitalícia que foi concedida pelo sr. Paulo Egydio Martins e que até agora está na mesa de trabalho do atual governador aguardando sua "boa vontade" para ser assinada. A pensão, en-

quadrada nos recursos correspondentes à carreira inicial do funcionalismo público estadual (pouco mais de Cr\$ 2.000,00) seria bem mais interessante que medalhas, pois estas são bonitas de exibir-se mas não dão comida a ninguém...

No próximo ano comemoraremos 50 anos de Revolução. Hoje, existem 6.000 ex-combatentes em todo o Estado, que lutam com a miséria, a doença e a idade (todos com mais de 70 anos). O que se está esperando para dar a esses homens e mulheres de 32 a parcela mínima de ajuda que, a esperar-se mais, será consumida pela inflação?

Será isso que se espera, porque cunhar medalhas é mais barato?

Os ex-combatentes merecem muito mais do que medalhas. Porque, como disse o deputado Goro Hama, a Assembléia acha-se aberta graças ao sacrifício de vidas que estão no Mausoléu e àqueles que, ainda vivos, aguardam uma justiça que vê, ouve e fala tudo, mas não é aplicada aos que honraram (esses sim) São Paulo e o Brasil em 1932. Diva Muller Romiti, Santos.

**64 deveria ser o dobro de 32**

Sr.: Com sua cultura cívica e consequentemente seu elevado grau de amor à Pátria, São Paulo sofreu agonias de calvário ao ver crucificada uma constituição sem perspectiva de ressurreição. A Revolução de 32 foi um autêntico Sinal em cuja culminância foram proclamados os mandamentos de nossa aspiração pelo retorno imediato da Lei no Brasil. Todos os civis, homens, mulheres, velhos, moços, crianças, pretos, brancos, opositores, governistas, patrões, empregados, padres, leigos se alistaram como soldados voluntários da legalidade. Todos os bolsos e cofres se esvaziaram, todos os pulsos e dedos se despojaram de ouros, pratas e brilhantes para socorrer São Paulo. Todos os pés marcharam, todas as mãos se armaram e todos os corações dispararam para as mais diversas frentes de batalha em favor da causa constitucionalista. No corpo dos paulistas permanecem as cicatrizes de feridas que hoje e sempre serão advertências. São Paulo não resistiu à avalanche da ditadura. Tínhamos muita alma e pouca arma. Para nós, foram muito pesados os fardos contra a abundância de fardas. Nas trincheiras perdemos, mas nas páginas da história fomos heróis vencedores.

Ao lado do povo em delírio patriótico a figura do coronel Euclides Figueiredo que hoje se transformou em medalha de recordação para ser pendurada no pescoço de todos os espíritos, como símbolo de pureza e austeridade, padrão de conduta, emblema de disciplina e bravura. A tradição de nosso Exército tem Euclides como um de seus principais espelhos. Se o itinerário idealista de Euclides Figueiredo tivesse sido seguido, muitos tropeços e fraturas não teriam acontecido. Sempre no colo das lições de 32, com Getúlio, Dutra e Juscelino, vivemos anos de paz e prosperidade. O histórico triunfo eleitoral de Jânio fez o Brasil vislumbrar esperanças inigualáveis de felicidades e progressos, esperanças que soçobraram com sua até hoje inexplicável renúncia. E então o bom João Goulart, iludido, ludibriado e envolvido por um grupo cunhado de extremismo, instaurou o precipício da desordem até que em 64 os militares gritaram "alto!" e marchamos com novas diretrizes que buscaram nos quartéis os administradores do País. Foi a estréia de governos de estreates que embora movidos pelos

mais honestos propósitos, foram comandados por cóleras, talvez compreensíveis, mas que machucaram a vida pacífica da Nação. Na falta de intimidade com os bastidores políticos foram cometidas infrações contra princípios democráticos: extinção de partidos, censura, cassações, exílios, leis ilegais, medidas desmedidas, arbitrariedades, injustiças. No entanto, mesmo sem convivência com a administração pública, os governos de 64 promoveram grandes iniciativas industriais e comerciais. Só o governo de Costa e Silva que foi exceção e durante ele rezávamos atos de contrição enquanto atos com numeração eram decretados. Vivendo um tempo dotado de abundantes socorros financeiros, de fartos recursos tecnológicos, exemplos catalogados, experiências fichadas, apoios ilimitados do Exterior, riquezas descobertas, com tanta capacidade criativa, com tanta inteligência e tantos planos de engrandecimento nacional, a Revolução de 64 deveria ser o dobro da Revolução de 32 em matéria de restauração econômica, social, política e, portanto, democrática.

Não foi, não é mas está sendo! Com a herança moral e patriótica do pai, nosso ídolo, o atual presidente João Baptista Figueiredo personaliza a esperança da entronização do Direito no País, sob a qual regerá a hegemonia do trabalho, da paz e da justiça. A categoria afirmativa de democratização deve ter sido promessa ajoelhada de filho, como foi dever proclamado de brasileiro. A anistia, a lei eleitoral, a presença de sua assistência em todo o território nacional, a convocação de todos os brasileiros pela sinceridade de suas intenções, o diálogo, a abertura política, o desenvolvimento industrial, o incremento das exportações, a atitude de patrocinador do congraçamento continental, a dedicação de sua vida ao nosso progresso agrícola e ao combate pela nossa emancipação econômica, a programação cultural, prestígio à energia nuclear, a superioridade de suas decisões com respeito à liberdade, a eliminação da linha dura em favor do nascimento da linha madura, representam a cordilheira de realizações que, acompanhadas de tantas outras projetadas e sonhadas, oxalá sejam a apoteose dos ideais do Brasil e dos brasileiros. P. Campos Moura, Capital.